

gastaria o discurso acadêmico para dizer o mesmo (e, quem sabe? não tão bem...)

No discurso da professora, a dúvida, a percepção das contradições, caminho para a conscientização:

*"Estamos no mesmo rumo: meus alunos e eu? O barco que pegamos nos deixa em porto seguro? Dou-lhes o quê? Uma fala que é a minha, uma história que é a minha. E esta minha história é, irrefutavelmente, uma história de vencedores: sou alguém na vida, sou professora. Eles: ... Que história assumo? Como ter lucidez num mundo que é jogo de espelhos, perdidas as autênticas faces? Aprendi na cartilha de meus pais, aprendi na cartilha dos que traçam o caminho. ..."* (p. 122)

E como enfrentar a contradição? Ao fim do romance, a tese e a antítese se fazem síntese: brilha a descoberta de um *terceiro lado* quando, ao fechar o círculo de seu tortuoso caminho, a professora volta ao ponto de partida:

*"Não havia outra coisa a fazer e a professora cumpre o traçado: vai voltar por onde começou. Busca*

*no tempo a escola pequena, perdida na favela, retorna turmas das primeiras séries: "quero ser ingênuo de novo, quero acreditar que se eu me empenhar muito meus alunos aprenderão apesar de tudo contra tudo e serão alguém na vida, capazes de não deixarem os seus fios sem nó." ... Logo no primeiro dia de aula a mulher e eles souberam: são do mesmo lado, um terceiro: direi avesso? direi direito? Direi: o terceiro lado.* (p. 227)

E é então que a professora dá a sua *"lição de rasgar cartilha"*:

*"No caminho de riscar o próprio espaço, manejar seus fios, tecer aurora de todos, a professora vai dar a lição do dia: lição de rasgar cartilha.*

*Pejados, vergados sob o peso das cartilhas de outrora, os meninos chegam para a nova aula. É como cruces que carregam aquelas vozes a lhes falar, ano após ano, da incapacidade e desacerto. Cartilhas que lhes davam retalhos de não-saber, frangalhos de não-acertar.*

*A professora, tão menina, tão mulher, distribui latas de lixo, arma a pira para o fogo. Todos trouxe-*

*ram tesouras e é sem paixão, com consciência, porém, que cortam e recortam as sílabas e as letras soletradas há mais de século, as frases de sem-sentido: "Vovô viu o ovo." é, de repente, V ov ôv iu oo v o, ôvi Vov v o uoo, e outras lógicas mais, atiradas à fome de lixos e fogos.*

*A comunhão se dá na hora de sem cartilhas, b + a = Bato à porta da aurora.*" (p. 229)

Lição de rasgar cartilha que leva à porta da aurora... Lição bonita de rasgar a escola é este *Manual de Tapeçaria* – um rasgar a escola que leva à porta da esperança, quando a professora-autora e nós, com ela, descobrimos, ao final, que é deixar de lado o já bordado e cuidar da costura:

*"As agulhas e linhas, os panos na mão*

*o bordado não quero, alimento a costura."* (p. 230)

Sem dúvida: um romance que todo professor deveria ler.

MAGDA BECKER SOARES

## VICTOR TOMELIN PEDAGOGIA DO SILÊNCIO

*Manual do Livro*



## PEDAGOGIA DO SILÊNCIO

### O tamanho do medo

TOMELIN, Victor.  
**Pedagogia do Silêncio. O Tamanho do medo.** Campinas, SP, Papirus, Blumenau, SC, Fundação Universidade Regional de Blumenau, 1986.

Somos uma geração de confesantes, Foucault reconhece no primeiro volume da **História da Sexualidade**. A evidência espanta, porque nos fizemos acreditar que conseguimos chegar juntos a um momento de história em que um dos mais sagra-

dos direitos da pessoa, o resguardo da individualidade, foi finalmente conquistado. Mas o pequeno susto do espanto apenas tenta afugentar a descoberta de que, mais do que nunca, estamos nus por dentro, voluntariamente ou contra a vontade, uns diante dos outros, uns através dos outros, uns contra os outros.

Alguns métodos de confissão conseguimos aperfeiçoar, como a tortura, apenas a face mais perversa do mundo que estamos construindo.

Outros criamos e, herança do século passado, eles são uma experiência corriqueira no nosso, como a psicanálise. Outros procuramos levar à própria escola, onde círculos de confidentes e confessantes substituem a rígida geometria da oposição usual entre o professor e os alunos. Outros, finalmente, obrigamos as suas instituições de origem a desqualificar, como a confissão auricular da Igreja Católica.

Mas há áreas onde anti-septicamente este misterioso hábito de tirar a roupa da alma diante do outro ainda resiste a se difundir. A ciência é uma delas e a sua aplicação à análise da educação é um dos melhores exemplos de seu pudor, a que uma muitas vezes errônea intenção de objetividade, parece servir.

Quase todos os estudos e falas a respeito da educação descrevem e analisam estruturas, sistemas, relações, modificações e processos. Entre o francamente **pedagógico** e as suas extensões ao **social**, a escola se revela às custas de ocultar a experiência real de seus sujeitos e a revelação de suas vidas, como uma narrativa útil.

A **Pedagogia do Silêncio** toma o caminho oposto, não sem muitos riscos, é verdade. Aqui, em um trabalho

originalmente escrito para ser defendido como dissertação de mestrado, logo, submetido ao controle e ao temor dos códigos da academia, a escrita da educação não é a análise, mas o depoimento. Melhor, não é a descrição objetiva de relações entre pessoas através de instituições como a escola e seus antecedentes e derivados, mas a confiança de uma vida que confessa, através da corajosa narrativa pessoal do sofrimento, quem temos sido, e o que temos feito, geração após geração, entre nós mesmos e contra todos nós.

É muito raro que educadores narrem por escrito e tomem como matéria de estudo as suas próprias experiências como sujeitos da educação. De tanto visitarmos como cientistas e técnicos este território que afinal fez e faz parte da vida de todos nós, aprendemos a silenciar sobre ele tudo o que finalmente relacione nossa própria vida àquilo a respeito do que objetivamente temos sempre algo a falar.

Mas Victor Tomelin se esquivava da análise – quem sabe? Delegando isto ao poder do leitor – para falar da educação em casa, na escola, no seminário, na igreja, através de suas próprias confissões. O texto surpreende, em primeiro lugar, por causa

de sua ingênua coragem. Ora, finalmente um professor subiu no estrado e, ao invés de fazer a chamada, tirou a roupa. O corpo é magro e feio e esta é a segunda surpresa. Não há quase nada de glorioso ou festivo a narrar. Victor nos torna cúmplices de sua pequena sucessão de fracassos, de seus medos, da sua servidão voluntária a uma seqüência de pequenos senhores que vão do pai ao padre e do professor ao colega de estudos. Mas o seu depoimento possui inquestionavelmente a qualidade de todas as confissões pessoais que sabem retirar, da aparente pequenez de uma vida, a grandiosidade de sua revelação. Ele é a difícil fábula verdadeira de um tempo. O mesmo que nós vivemos também, a maioria possível dos seus leitores, em lugares não muito longe de por onde passamos. As revelações feitas aqui não permitem sequer o suspiro de alívio que antecede a frase: “mas agora não tem mais nada disto”. Não há um sequer de seus pequenos terrores que não esteja sempre à espreita, à espera de poder de novo aparecer. A confissão do medo, nesta **Pedagogia do Silêncio**, constitui-se como um ato de rara coragem.

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

## **ALFABETIZAÇÃO:** *dilemas da prática*

**ALFABETIZAÇÃO: Dilemas da Prática** – Rio de Janeiro, Dois Pontos Editora Ltda, 1986.

O livro volta a colocar em pauta o tema alfabetização e pretende – nas palavras textuais da organizadora Sonia Kramer, ao fazer sua apresentação – “ser mais uma contribuição não só ao estudo da alfabetização, mas também à procura de estratégias que consigam torná-la real, efetiva”.

A temática global desenvolvida se concentra em torno da alfabetização de crianças provenientes de clas-

Sonia Kramer (org.)  
**ALFABETIZAÇÃO**  
Dilemas da prática



ses populares, bem como da importância do papel da escola em relação à construção de uma sociedade democrática, ratificando a necessidade de se efetuarem debates, dentro da comunidade escolar, que viabilizem respostas aos nossos questionamentos e tornem mais concreta e operativa a prática pedagógica.

Os trabalhos, que de modo geral se preocupam com os temas centrais acima apresentados, se dividem em três partes: Polêmicas, Propostas e Duas Falas para Professores.

Em que pese a importância das propostas contidas na segunda parte do livro, apresentadas respectivamente pela Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais e pelas Secretarias Municipais de Educação do Rio de Janeiro e São Paulo e as contribuições trazidas pelas estratégias adotadas, chamo a atenção para os artigos incluídos em “Polêmicas”, por julgar que atingem o objetivo